

## Processos de deslocamento de sentidos em discursos políticos da instituição midiática *Época*

---

CAMILA FERNANDES BRAGA

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Trabalho elaborado sob a orientação do Prof. Dr. João Bôsco Cabral dos Santos (ILEEL/UFU)

e-mail: camilafbraga@gmail.com

**Resumo:** Neste trabalho descrevemos como a instituição midiática *Época* produz sentidos no discurso político ao construir uma leitura sobre as candidaturas à Presidência da República de Marina Silva, Dilma Rousseff e José Serra, nas eleições de 2010. Partimos da hipótese de que essa instituição midiática se coloca no lugar discursivo das elites sociais para enunciar o discurso político e, ao se colocar nesse lugar, exerce uma tomada de posição que marca seu lugar de enunciação. Analisamos, assim, sequências discursivas referentes aos candidatos Dilma Rousseff, Marina Silva e José Serra. Nesta análise, tomamos como arcabouço teórico a Análise do Discurso de linha francesa, pois examinaremos como uma instituição midiática é capaz de constituir-se em determinada ideologia e quais são as condições de produção dos seus enunciados acerca das candidaturas.

**Palavras-chave:** discurso político; enunciação; ideologia

### *Considerações iniciais*

O presente estudo tem como objetivo geral verificar os sentidos produzidos por uma instância enunciativa sujeitudinal jornalista sobre uma instância enunciativa sentidural candidato à presidência da República, e como objetivo específico descrever como uma instituição midiática produz sentidos do discurso político, ao construir uma leitura sobre as candidaturas à presidência da República. Nessa perspectiva, tomaremos como *corpus* reportagens compiladas da revista *Época* referentes aos principais candidatos à Presidência da República das eleições de 2010.

A hipótese aqui diz respeito à existência de uma parcialidade explícita, por parte dessa instância midiática, que coloca o direcionamento de uma posição de vinculação político-fisiológica dessa instância à eleição do candidato José Serra do PSDB, por ser o partido que sempre atendeu às necessidades das elites brasileiras no que tange ao favorecimento político e econômico de determinados segmentos dessa sociedade, como os banqueiros, os industriais, os latifundiários, os empresários do ramo de serviços e transportes, entre outros segmentos de profissionais liberais que são sempre beneficiados pela política fisiologista e clientelista do PSDB e dos Democratas.

Neste artigo, explicitaremos quais os sentidos produzidos pela instituição midiática *Época* ao enunciar o discurso político da candidatura à presidência da República no ano eleitoral de 2010.

Este estudo justifica-se pelo interesse em compreender a amplitude dos sentidos produzidos por uma instância enunciativa sujeitucional jornalista sobre uma instância enunciativa sentidural candidato à presidência da República, a partir de seu atravessamento interdiscursivo em uma enunciação midiática. Para este estudo serão tomados como arcabouço teórico conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, para examinarmos os sentidos que subjazem às candidaturas à Presidência da República, produzidos pela instituição midiática.

### *A instância enunciativa sujeitucional*

Partindo da hipótese de que a instituição midiática *Época* produz sentidos no discurso político ao construir uma leitura sobre as candidaturas à presidência da República, faremos uma reflexão acerca de como esses sentidos são produzidos nesta instância enunciativa sujeitucional midiática.

A partir da reflexão teórica realizada por Santos (2009), consideramos a instância enunciativa sujeitucional como uma alteridade de instâncias-sujeito no interior de um processo enunciativo. De acordo com este autor (*op. cit.*), denomina-se instância, pela oscilação discursiva pela qual o sujeito do discurso passa entre um lugar social e um lugar discursivo. Da mesma forma, denomina-se enunciativa, pelo caráter único e singular, balizador das inscrições discursivas de uma instância-sujeito, e, por fim, denomina-se sujeitucional pelo caráter de movência contínua em alteridade constitutiva, demarcada por funcionamentos interdiscursivos, os quais evidenciam uma diversidade de tomadas de posição da instância-sujeito.

No que concerne à noção de instâncias-sujeito, é relevante discorrer sobre a noção de sujeito discursivo e de suas facetas enquanto lugar social e lugar discursivo. De acordo com as reflexões de Pêcheux (1988), sujeito discursivo é o conjunto (interseção) das várias manifestações do sujeito que são reveladas a partir do momento em que este é interpelado ideologicamente e toma uma posição. Esse processo de interpelação é decorrente da identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina. Assim, o sujeito se constitui a partir de sua tomada de posição.

Quanto às noções de lugar social e lugar discursivo, aquele é ocupado pelo indivíduo empírico, “de carne e osso”, dotado de um nome, família, etc. A partir do momento em que este indivíduo é interpelado ideologicamente por meio de relações sociais, ele passa a ocupar um lugar discursivo e torna-se um sujeito (discursivo).

Nessa perspectiva, a instituição midiática *Época*, tomada como *corpus* neste estudo, configura-se como Instância Enunciativa Sujeitucional na medida em que, dotada de determinadas inscrições ideológicas, é interpelada e passa a ocupar uma posição em um processo de enunciação, ou seja, passa a ocupar um lugar discursivo.

### *Sobre a noção de sentido e a instância enunciativa sentidural*

Considerando que o objetivo específico deste trabalho é descrever como uma instituição midiática produz sentidos do discurso político, ao construir uma leitura sobre as candidaturas à presidência da República, discorreremos agora sobre a noção de sentido e sobre a forma com que os candidatos à presidência da República se configuram como instâncias enunciativas sentidurais – sentido que, na verdade, é um efeito de sentido, é o efeito enunciativo das tomadas de posição entre instâncias-sujeito em um processo de enunciação. Ele só é produzido pela constituição do sujeito, ou, mais especificamente, só se instaura a partir da tomada de posição do sujeito.

No que concerne à noção de *efeito de sentido*, é relevante explicitar que o termo *efeito* é entendido como o conjunto de significações que uma conjuntura de elementos (da história) produz e o termo *sentido* é o momento em que uma conjuntura de significações produz uma percepção. Assim, o *efeito de sentido* emerge da inscrição discursiva do sujeito.

De acordo com as reflexões de Pêcheux (1988),

[o sentido] é determinado pelas posições sócio-ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) [...] e mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...], isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (p. 160).

Nessa perspectiva, podemos compreender que o sentido é decorrente das condições de produção dos discursos e, conseqüentemente, das formações discursivas dos sujeitos em interlocução. Assim, um enunciado pode ter diferentes efeitos enunciativos de acordo com a natureza da interpelação sofrida pelo sujeito no processo de enunciação. São esses efeitos que determinam as inscrições discursivas dessas instâncias-sujeito.

Em nossas análises explicitaremos como a instância enunciativa sujeitural *Época* move, desloca e constrói sentidos dos dizeres dos candidatos à presidência da República, produzindo outros sentidos do discurso político.

Selecionaremos seqüências discursivas nas quais explicitaremos as filiações políticas dos candidatos à presidência da República e da referida instituição midiática, o que nos possibilitará compreender as inscrições discursivas, tanto dos candidatos quanto da instituição, e o percurso enunciativo pelo qual esta re-significa sentidos acerca das candidaturas. Conhecendo, assim, a noção de sentido, discorreremos sobre a instância enunciativa sentidural candidato à presidência da República.

A exemplo do que foi abordado ao discutirmos a noção de instância enunciativa sujeitural (Santos, 2009), a denominação instância enunciativa sentidural também está relacionada à configuração de um sentido que emerge no interior de um processo enunciativo.

Nessa perspectiva, os candidatos à presidência da República configuram-se como instâncias enunciativas sentidurais na medida em que seus dizeres são tomados pela instância enunciativa sujeitidual *Época*, para que ela (re)produza, desloque os sentidos desses dizeres. Passíveis dessa movência dos sentidos de seus dizeres, os candidatos tornam-se instâncias enunciativas sentidurais.

### *Ideologia, formações ideológicas e formação discursiva*

Ideologia é a anterioridade discursiva<sup>1</sup> que constitui o sujeito. Por meio da ideologia, como já foi dito, o sujeito é interpelado e toma uma posição. Nesse sentido, é relevante discorrermos, também, sobre formações ideológicas (doravante FI), que são os elementos que permitem a construção de uma convicção acerca de um dado acontecimento.

Quanto à noção de Formação Discursiva (FD), é relevante entendê-la como o “conjunto de componentes interligados das FI” (COURTINE, 2009). FD é o que, em uma dada FI, determina o que pode e deve ser dito. Isso significa que os enunciados significam de acordo com a FD em que são produzidos.

Retomando a noção de ideologia, esta é intrínseca à noção de discurso. Isso ocorre devido ao fato de que a ideologia é materializada no discurso e este, por sua vez, materializa-se na língua. Ao enunciar, o sujeito constrói evidências de suas formações ideológicas e discursivas, o que faz com que efeitos sejam produzidos em seus dizeres. Assim, diante de qualquer enunciado, o homem é levado a interpretar e o sentido emerge como uma evidência. Esse fato prova que a ideologia produz evidências acerca do lugar discursivo em que o sujeito se inscreve.

Se, então, considerarmos o discurso como a materialidade da ideologia, compreenderemos que ele só existe em um meio social, dotado de uma historicidade característica do contexto em questão. E é nesse contexto, no qual o discurso está inscrito, que o sentido é construído. Assim, quando nos deparamos com um sujeito em um processo de enunciação, procuramos verificar sua inscrição discursiva, por meio de sua inscrição ideológica.

Nessa perspectiva, nesta pesquisa, analisaremos sequências discursivas referentes aos dizeres políticos relativos às candidaturas à presidência da República. Nessas sequências, explicitaremos as evidências de significações que remetem a inscrições ideológicas e sociopolíticas que constituem os dizeres da instituição midiática em estudo, buscando informações que evidenciem o lugar discursivo do qual ela enuncia e a forma como produz sentidos acerca das candidaturas.

Por meio dessa análise construiremos uma interpretação sobre as manifestações ideológicas materializadas nos dizeres da instituição midiática. Consideraremos, assim,

---

<sup>1</sup> A noção de anterioridade discursiva é entendida aqui como o conjunto de valores, inscrições, história e memórias que constituem o sujeito discursivo.

as inscrições sociopolíticas dos candidatos e da instituição midiática e, conseqüentemente, suas filiações políticas.

Nesse sentido, é relevante tomarmos como referência de interpretação o mecanismo da antecipação, segundo o qual todo sujeito é capaz de se colocar no lugar de seu interlocutor e antecipar-se, assim, quanto às prováveis significações subjacentes aos enunciados realizados por essas instâncias-sujeito. É por meio desse mecanismo que o sujeito consegue hipotetizar o processo de argumentação de seu interlocutor, visando às significações que se constituirão a partir de seus dizeres.

Nessa pesquisa, explicitaremos que a instância enunciativa sujeitucional *Época* se utiliza desse mecanismo, uma vez que suas inscrições discursivas são enunciadas de forma a construir sentidos de identificação/desidentificação em seus leitores.

### *Condições de produção e interdiscurso*

Considerando-se os aspectos teóricos que foram levantados sobre a ideologia, aqui entendida como uma concepção de mundo de determinado grupo social, em uma dada circunstância histórica, é relevante discorrer sobre as condições de produção (CP) dos discursos.

De acordo com Courtine (2009), a CP do discurso “é a passagem contínua da história (a conjuntura e o estado das relações sociais) ao discurso pela mediação das relações do indivíduo com o grupo em uma situação de enunciação”. (p. 50) A partir dessa afirmação, podemos compreender que as condições de produção do discurso é o contexto sócio-político-ideológico no qual o enunciado é construído. As condições de produção dos discursos são responsáveis, conseqüentemente, pelo sentido que emerge no discurso, ou seja, os enunciados significam de acordo com as condições em que são produzidos.

Quando nos deparamos com a realização linguageira de um enunciado, buscamos compreender seus elementos históricos constituintes. Ao fazer essa análise, entenderemos a utilização de determinado enunciado e “não de outro”, o que nos possibilita a compreensão da produção dos discursos como elemento integrante da História.

Considerando o *corpus* em questão, analisaremos sequências discursivas para buscarmos os aspectos históricos constitutivos dos discursos enunciados pela instituição midiática em questão. Assim, examinaremos a produção dos efeitos enunciativos desses enunciados, pois o sentido, como foi visto, é consequência das condições de produção do discurso. Então, ao analisarmos as sequências discursivas, explicitaremos em que condições sócio-político-ideológicas os dizeres da instância enunciativa sujeitucional *Época* são produzidos. Entendendo, assim, a relevância do conhecimento das condições de produção dos discursos, é necessária a abordagem teórica da noção de interdiscurso.

De acordo com Pêcheux (1988, p. 162), interdiscurso é “o todo complexo com dominante das formações discursivas”, esclarecendo que ele é submetido à lei de desi-

gualdade-contradição-subordinação que caracteriza o todo complexo das formações ideológicas.

Interdiscursividade é, então, o atravessamento de discursos outros pelo discurso predominante. Todo discurso está em constante relação com outros discursos, o que faz com que um enunciado sempre suscite outro. Essa relação entre os discursos, por sua vez, nos remete ao conceito de formações discursivas que, como já foi teorizado, é o que determina o que pode e deve ser dito pelo sujeito de acordo com suas formações ideológicas.

No *corpus* em questão, analisaremos as formações discursivas dos candidatos à Presidência da República e da instituição midiática, pois assim entenderemos as formações ideológicas às quais o veículo midiático se filia e, conseqüentemente, os efeitos enunciativos de seus dizeres, uma vez que os sentidos são produzidos de acordo com os lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução.

### ***Silenciamento***

De acordo com Orlandi (1992), há uma classificação para o silêncio: o silêncio fundante e a política do silêncio. Em nossa pesquisa, trabalharemos a noção da política do silêncio segundo a qual, ao enunciar, o sujeito está, necessariamente, não enunciando outros sentidos, uma vez que o sentido é produzido a partir da posição da qual esse sujeito enuncia.

A partir dessas reflexões, perceberemos, nas análises, a relevância de sentidos que são silenciados pela instância enunciativa sujeitucional *Veja*, pois eles constituem fortes evidências do lugar discursivo ocupado por essa instância, principalmente no que tange ao processo de desidentificação da instituição com o candidato Luís Inácio Lula da Silva.

O silenciamento está presente na opacidade do que está dito. Assim, é necessário conhecer as inscrições ideológicas dos candidatos e da instituição midiática para se perceber o que está dito, mas não enunciado na superfície dos dizeres, ou seja, o que foi silenciado. Assim, encontramos regularidades que apontam para processos de identificação e desidentificação da instituição com os candidatos.

### ***Aspectos metodológicos: a organização do corpus em sequências discursivas***

A escolha das reportagens da instância enunciativa sujeitucional *Época* foi feita a partir da hipótese de que esta se coloca no lugar discursivo das elites sociais para enunciar o discurso político, produzindo sentidos acerca dos candidatos à Presidência da República. Assim sendo, buscamos reportagens que nos possibilitaram comparar a instância enunciativa sentidural candidata à presidência da República Dilma Rousseff com as instâncias enunciativas sentidurais candidatos à presidência da República Marina Silva e José Serra.

Fizemos, então, recortes de sequências discursivas que mostram como a instituição constrói sentidos acerca das candidaturas. Procuramos por sequências discursivas que explicitam significações que, mesmo em uma linguagem velada, puderam evidenciar o lugar discursivo em que *Época* se coloca e como ela produz sentidos sobre os candidatos à presidência da república, posicionando-se, assim, frente às suas candidaturas.

Ao fazer os recortes das sequências discursivas, nós localizamos enunciados-operadores de sentido, os quais trazem evidências das tentativas da instituição midiática analisada em produzir sentidos. Em seguida, analisamos esses enunciados-operadores para, por fim, sintetizarmos percepções acerca de suas condições de produção, considerando as inscrições ideológicas subjacentes a *Época*, uma vez que os discursos enunciados por ela representam uma materialidade linguística de uma inscrição ideológica.

### *Análises*

Foram selecionadas para o trabalho de análise três capas da revista *Época*, que remetem aos candidatos à presidência da República Marina Silva, Dilma Rousseff e José Serra. A análise dessas capas será feita de acordo com a ordem de publicação.

A primeira delas, publicada em 15 de agosto de 2009, traz a foto da candidata do PV, Marina Silva, e a seguinte epígrafe: “Presidente Marina? Como a candidatura de Marina Silva – a ambientalista admirada pela sua biografia e temida por suas ideias radicais – embaralha o jogo eleitoral de 2010”.

Quanto à foto, é relevante descrever o ângulo em que foi posicionada. A candidata está com o pescoço inclinado para o lado e olha para cima, ao mesmo tempo em que sorri. Além disso, essa capa tem o plano de fundo em tons verde, que constrói um sentido de relação com o partido político da candidata, Partido Verde.

O fato de que Marina parece estar olhando para algum lugar distante produz um sentido de que ela tem uma visão mais além, que ela enxerga à frente. Considerando-se que as propostas de governo da candidata se baseiam em um desenvolvimento sustentável, a direção do olhar da candidata, assim como o sorriso dela, representam a crença que ela tem na possibilidade de promover o desenvolvimento do país de forma diferente das propostas pelos demais candidatos.

No que concerne à epígrafe da foto, é relevante percebermos os sentidos que emergem do enunciado “Presidente Marina?”. A interrogação colocada traz um sentido de dúvida em relação à possibilidade de a candidata ganhar a eleição. Há uma tentativa, pela instância enunciativa sujeitudinal *Época*, de induzir o leitor a pensar: “Será que ela ganharia a eleição?”. Esse sentido de dúvida, construído pela instituição midiática, silencia um sentido de certeza que esta tem de que Marina não ganhará a eleição, mas que ela é capaz de provocar alterações nos resultados.

Em seguida, temos a presença do termo “ambientalista”, que se relaciona ao já descrito plano de fundo da capa, e do enunciado “temida por suas ideias radicais.”

Este enunciado produz o sentido de que a candidata é uma ameaça aos demais devido às suas propostas.

O adjetivo “radicais”, conferido às propostas, nos remete às formações discursivas nas quais a candidata se inscreve para enunciar sua candidatura. Filiada ao Partido Verde, de acordo com o que já foi dito, a candidata tem propostas que vão ao encontro dos ideais dos ambientalistas e dos jovens brasileiros. Os ideais são considerados radicais pela dificuldade encontrada nas tentativas de se promover o crescimento do país sem devastar o meio ambiente.

Assim, a partir do momento em que a candidata aproxima suas ideias das de um público consideravelmente grande, ela se torna uma candidata em potencial que “embaralha” a disputa presidencial.

É relevante, aqui, explicitar as condições de produção do acontecimento discursivo Eleições 2010, uma vez que o termo “embaralha” alude ao fato de que os candidatos de maior representação, em termos de intenção de votos, são Dilma Rousseff e José Serra. Nesse sentido, ao conquistar um grupo definido de eleitores, Marina Silva recebe votos que poderiam ser de um desses candidatos, o que coloca em dúvida a ideia que estava sendo construída pela mídia: o ganhador seria Serra ou Dilma. Essa incerteza quanto ao resultado da eleição silencia o sentido de que *Época* percebe a possibilidade que a candidata do PV tem de ganhar, o que evidencia uma tentativa da instituição de enfatizar seu apoio ao candidato tucano e sua desidentificação com a candidata petista.

Passemos, agora, à análise da capa da edição publicada em 14 de agosto de 2010. Nesta, verificamos a foto da candidata do Partido dos Trabalhadores Dilma Rousseff, e a inscrição “Dilma Rousseff: aos 22 anos, fichada pelo Dops em São Paulo”, e a epígrafe “O passado de Dilma: documentos inéditos revelam uma história que ela não gosta de lembrar – seu papel na luta armada contra o regime militar.”

À primeira vista, chama-nos a atenção a foto da candidata aos 22 anos. A foto, assim como o fundo da capa, está nos tons preto e branco e, do lado direito da foto, notamos a presença de uma figura que lembra uma parte de um carimbo. É relevante explicitar que essa figura é o único detalhe colorido da foto: o carimbo é vermelho.

As cores utilizadas e o carimbo nos remetem a fichas, ou seja, a imagem ilustra a informação contida na inscrição, a de que a candidata foi fichada no DOPS – Departamento de Ordem Política e Social – de São Paulo. Este órgão, criado em uma época em que o regime político brasileiro era centralizado e autoritário, tinha a função de controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder.

A escolha da imagem da ficha da candidata constrói um sentido de remissão ao passado de Dilma, o que é uma evidência da tentativa, por parte da instituição midiática, de chamar a atenção do leitor para algo comprometedor que a candidata teria feito em sua juventude. Há, também, a produção de um sentido que confere um caráter pejorativo a ela, pelo fato de já ter sido fichada.

Em seguida, temos a epígrafe da foto. O título “O passado de Dilma”, escrito de forma bem destacada, produz, assim como a imagem, a evidência de que há um desejo da instituição midiática de tornar público o passado da candidata. O próximo enunciado, “Documentos inéditos revelam”, produz o sentido de que há provas da veracidade do que será publicado por *Época*, além de evidenciar, por meio do uso do item lexical

“revelam”, uma tentativa de polemizar algum acontecimento relevante que teria sido acobertado no passado de Dilma. Essa expectativa criada pela instituição produz o sentido de que algo ilícito teria sido feito pela candidata e o partido dela não divulgou. Essa tentativa é um indício de que a instituição midiática se desidentifica com a candidata.

É relevante explicitar, também, que há um diálogo entre o termo “revelam”, que significa “fazer conhecer algo que estava encoberto”, e o próximo enunciado, “uma história que ela não gosta de lembrar”. A construção desse diálogo evidencia uma tentativa de *Época* de reiterar a relevância do que será lido na edição sobre a candidata, por se tratar de algum escândalo, além de intensificar um efeito de curiosidade, cuja produção é perceptível nos itens já analisados. Percebemos, aqui, outra regularidade que aponta para um processo de desidentificação entre *Época* e Dilma.

Para finalizar, temos o enunciado “seu papel na luta armada contra o regime militar”, cuja construção intensifica ainda mais a expectativa do leitor, uma vez que relaciona a candidata Dilma Rousseff a um dos períodos mais críticos e polêmicos pelo qual o Brasil passou, a ditadura.

Assim, ao afirmar que fará uma revelação sobre algo obscuro do passado da candidata, cria uma expectativa em torno disso, colocando uma foto em que ela aparece como uma pessoa fichada, enunciando que se trata da representação de Dilma na época da ditadura, a instituição midiática *Época* constrói uma imagem negativa da candidata.

Podemos afirmar que há, então, um posicionamento de desidentificação da instituição com a candidata do Partido dos Trabalhadores Dilma Rousseff, uma vez que são evidentes as tentativas de se construir uma imagem negativa da candidata.

Analisaremos agora a capa da edição publicada em 4 de setembro de 2010, que se refere ao candidato José Serra. Na capa, com um plano de fundo completamente negro, temos uma foto do candidato com um semblante sério, vestido formalmente e com a face direita levemente sombreada. A epígrafe dessa foto é “A cartada de Serra – em queda nas pesquisas, o tucano vai ao ataque e explora o crime cometido contra sua filha para tentar chegar ao segundo turno.”

Começando a análise pela foto, podemos afirmar que o fato de o plano de fundo ser negro e a face direita do candidato estar um pouco sombreada constrói um sentido de surgimento do candidato, como se este estivesse “saindo das sombras”. Um detalhe relevante é que as vinhetas da capa, que em outras edições tendem a receber uma faixa colorida que as distingue do restante da capa, estão dispostas sobre o mesmo fundo negro da foto e contêm somente palavras, o que produz um efeito visual de maior destaque.

Quanto à epígrafe, podemos afirmar que seu título, “A cartada de Serra”, escrito em tom laranja escuro, produz um efeito de imponência e decisão, como se o candidato tivesse descoberto algum recurso que decidiria as eleições.

No enunciado seguinte, “Em queda nas pesquisas”, temos uma informação que complementa e explica o título analisado anteriormente. Juntamente com o próximo enunciado, “o tucano vai ao ataque”, percebemos um diálogo que é construído entre os enunciados e a foto. Como foi explicitado anteriormente, na imagem, o candidato pare-

ce estar “surgindo das sombras”, metáfora essa que representa o fato de José Serra estar em segundo lugar e de ter encontrado um meio para modificar essa situação.

Em seguida, temos o enunciado “explora o crime cometido contra sua filha”, do qual é relevante explicitar as condições de produção. Na semana anterior à publicação da edição em análise, foi descoberto que o sigilo fiscal da empresária Verônica Serra, filha de José Serra, havia sido violado. Esse fato foi tratado, conforme percebemos na capa em análise, como um crime de extrema gravidade, o que é uma evidência de uma tentativa da instituição midiática de intensificar um acontecimento que, normalmente, não causa grande impacto nos leitores.

Ainda no que concerne a esse enunciado, considerando as suas condições de produção, verificamos o silenciamento do envolvimento da candidata do PT Dilma Rousseff no caso. Essa informação silenciada é percebida pelo fato de essa candidata ser a maior concorrente de José Serra, o que seria uma justificativa para sua inclusão no acontecimento. Esse silenciamento produz evidências de que a instância enunciativa sujeitudinal não se identifica com Dilma.

No último enunciado, “para tentar chegar ao segundo turno”, percebemos um tom de reconhecimento, pela instituição midiática, de que a exploração dos acontecimentos em foco, pelo candidato José Serra, pode ser uma solução para modificar o resultado da eleição que, segundo as pesquisas divulgadas naquela semana, seria decidida já no primeiro turno.

Ao analisarmos a capa da edição que alude ao candidato José Serra, podemos afirmar, principalmente pela tentativa de se agravar o acontecimento relatado, que a instância enunciativa sujeitudinal *Época* possui identificação com o candidato do PSDB.

### *Considerações finais*

Ao finalizarmos as análises, é pertinente enfatizar a relevância da relação que existe entre as inscrições ideológicas de um sujeito com os seus enunciados, pois essas inscrições se materializam no discurso que, por sua vez, materializa-se na linguagem. Nessa perspectiva, é possível identificar as inscrições ideológicas do sujeito a partir de seus enunciados.

Verificamos, também, a relevância dos sentidos que foram silenciados pela instituição midiática *Época*, principalmente no que está relacionado à candidata Dilma Rousseff, pois esses sentidos que não foram enunciados constituem fortes evidências de desidentificação da instância midiática com a candidata.

Nesse sentido, em nossas análises, procuramos por evidências que dessem suporte à hipótese de que a instituição midiática produz sentidos que revelam a posição da qual ela enuncia e que evidenciam processos de identificação e desidentificação com os candidatos.

Assim, ao analisar comparativamente as sequências discursivas, encontramos regularidades que demonstram uma tomada de posição da instância enunciativa sujeitudinal *Época* e que evidenciam desidentificação desta instância com a candidata Dilma Rousseff e de identificação com o candidato José Serra.

***Referências bibliográficas***

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Clara luz, 2008.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

SANTOS, J. B. C. "A instância enunciativa sujeitudinal", in: SANTOS, J. B. C. (org.) *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU. Série Linguística in Focus, vol. 6, 2009, p. 83-102.